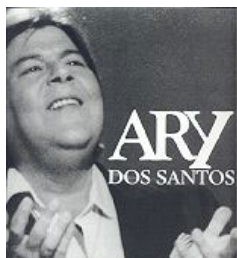


## «Tribuna do Vate»



**José Carlos Ary dos Santos** nasceu em Lisboa a 7 de Dezembro de 1937 e faleceu a 18 de Janeiro de 1984

Foi um poeta e diseur (auto-falante) de poesia portuguesa.

Oriundo de uma família da alta burguesia, José Carlos Ary dos Santos, conhecido no meio social e literário por Ary dos Santos, vê publicados aos 14 anos, através de familiares, alguns dos seus poemas, considerados maus pelo autor. No entanto, Ary dos Santos revelaria verdadeiramente as suas qualidades poéticas em 1954, com dezasseis anos de idade. É nessa altura que vê os seus poemas serem seleccionados para a Antologia do Prémio Almeida Garrett.

Em 1963 dar-se-ia a sua estreia efectiva com a publicação do livro de poemas A Liturgia do Sangue.

Em 1969 inicia-se na actividade política ao filiar-se no PCP, participando de forma activa nas sessões de poesia do então intitulado "canto livre perseguido".

Autor de mais de seiscentos poemas para canções, no meio literário, Ary dos Santos, fez muitos amigos. Gravou, ele próprio, textos ou poemas de e com muitos outros autores e intérpretes e ainda um duplo álbum contendo O Ser-mão de Santo António aos Peixes do Padre António Vieira.

Ainda em 1984, foi lançada a obra VIII Sonetos de Ary dos Santos, com um estudo sobre o autor de Manuel Gusmão e planeamento gráfico de Rogério Ribeiro, no decorrer de uma sessão na Sociedade Portuguesa de Autores, da qual o autor era membro.

Em 1988, Fernando Tordo editou o disco "O Menino Ary dos Santos" com os poemas escritos por Ary dos Santos na sua infância.

### Bibliografia

1953 – Asas; 1963 - A Liturgia do Sangue; 1964 - Tempo da Lenda das Amendoeiras; 1965 - Adereços, Endereços  
1968 - Insofrimento In Sofrimento; 1970 - Fotos-grafias; 1970 - Ary por Si Próprio; 1973 – Resumo; 1974 - Poesia Política

1975 - Lllanto para Alfonso Sastre y Todos; 1975 - As Portas que Abril Abriu; 1977 - Bandeira Comunista; 1979 - Ary por Ary

1979 - O Sangue das Palavras; 1980 - Ary 80; 1983 - Vinte Anos de Poesia; 1984 - As Palavras das Cantigas; 1984 - Estrada da Luz; 1984 - Rua da Saudade

### Epígrafe

De palavras não sei. Apenas tento  
desvendar o seu lento movimento  
quando passam ao longo do que invento  
como pre-feitos blocos de cimento.

De palavras não sei. Apenas quero  
retomar-lhes o peso a consistência  
e com elas erguer a fogo e ferro  
um palácio de força e resistência.

De palavras não sei. Por isso canto  
em cada uma apenas outro tanto  
do que sinto por dentro quando as digo.

Palavra que me lavra. Alfaia escrava.  
De mim próprio matéria bruta e brava  
--- expressão da multidão que está comigo.

### Auto-Retrato

Poeta é certo mas de cetineta  
fulgurante de mais para alguns olhos  
bom artesão na arte da proveta  
narciso de lombardas e repolhos.

Cozido à portuguesa mais as carnes  
suculentas da auto-importância  
com toicinho e talento ambas partes  
do meu caldo entornado na infância.

Nos olhos uma folha de hortelã  
que é verde como a esperança que amanhã  
amanheça de vez a desventura.

Poeta de combate disparate  
palavrão de machão no escaparate  
porém morrendo aos poucos de ternura.

### Meu amor, meu amor

Meu amor meu amor  
meu corpo em movimento  
minha voz à procura  
do seu próprio lamento.

Meu limão de amargura meu punhal a escrever  
nós parámos o tempo não sabemos morrer  
e nascemos nascemos  
do nosso entristecer.

Meu amor meu amor  
meu nó e sofrimento  
minha mó de ternura  
minha nau de tormento

este mar não tem cura este céu não tem ar  
nós parámos o vento não sabemos nadar  
e morremos morremos  
devagar devagar.

### Fecham-se os dedos donde corre a esperança

Fecham-se os dedos donde corre a esperança,  
Toldam-se os olhos donde corre a vida.  
Porquê esperar, porquê, se não se alcança  
Mais do que a angústia que nos é devida?

Antes aproveitar a nossa herança  
De intenções e palavras proibidas.  
Antes rirmos do anjo, cuja lança  
Nos expulsa da terra prometida.

Antes sofrer a raiva e o sarcasmo,  
Antes o olhar que peca, a mão que rouba,  
O gesto que estrangula, a voz que grita.

Antes viver do que morrer no pismo  
Do nada que nos surge e nos devora,  
Do monstro que inventámos e nos fita."